

Fátima Regina Sans Martini¹**Resumo**

Este artigo trata da História do mobiliário, especificamente do Egito Antigo, que representa uma das primeiras civilizações documentadas, em termos políticos, culturais e artísticos. As imagens, a escrita, as construções e os artefatos atestam, apesar das fases de anarquia, a permanência dos padrões culturais e a formação socioeconômica por milhares de anos. Faz-se necessário expor de forma concisa o contexto, histórico, sociopolítico e artístico, quando se investiga estilos e períodos relativos à produção e ao que, atualmente, se denomina de design. O mobiliário egípcio é testemunho do luxo da corte faraônica e da qualidade e avanço técnico e artístico da sociedade, que, na idealização de segurança e comodidade, concebe e consome. A investigação histórica e qualitativa, apoiada na bibliografia e observação, proporciona, por meio da mente criadora, o poder de desenvolver espaços e produtos, que se adaptam aos recentes padrões e necessidades e indica a importância do mobiliário, objeto da sociedade, que, em seus diferentes períodos históricos e artísticos, busca o conforto e o belo para seu prazer.

Palavras-chave: Mobiliário. *Design*. Egito Antigo.

Abstract

This article discusses the history of furniture, specifically the ancient Egypt, which represents one of the first documented civilizations, in political, cultural and artistic terms. The Images, the writing, buildings and artifacts, attest, despite the phases of anarchy, the permanence of cultural patterns and social training for thousands of years. It is necessary to expose concisely the context, historical, socio-political and artistic when it investigates styles and periods relating to the production and that today is called design. The Egyptian furniture is testament to the luxury of the pharaonic court and the quality and the technical and artistic advancement of society, which, in the idealization of safety and comfort, conceives and consumes. The historic and qualitative research, supported in the bibliography and note, provides, through the creative mind, the power to develop spaces and products, that adapt to the recent standards and requirements and indicates the importance of furniture, object of the society, which in its different historical and artistic periods, seeks comfort and beauty for your pleasure.

Keywords: Furniture. *Design*. Ancient Egypt.

* Recebido em: 28/03/2016.
Aprovado em: 14/06/2016.

¹ Mestre em Artes Visuais com Abordagens Teóricas, Históricas e Culturais pela UNESP. Pós-graduação em História da Arte pela FAAP-SP.

1 Introdução

A História do Mobiliário remete ao momento inicial em que o homem procura uma habitação para se proteger e conviver e se estende aos dias atuais. A evolução do mobiliário perpassa pela história sociopolítica, artística e cultural, por meio dos diversos períodos e regiões. O móvel acompanha as necessidades dos habitantes e das moradias, dos mais variados territórios; acompanha os estilos e maneiras regionais, evolui e aperfeiçoa-se segundo o avanço das técnicas; e se transforma, adaptando-se à modernidade e ao conforto. Desse modo, a quantidade, a qualidade, diversidade e *design* associam-se e integram-se à estética da época, aos estilos e movimentos artísticos.

Ao me dedicar à disciplina de História do mobiliário e trabalhar na área do *design* e arquitetura de interiores, como desenhista e projetista, idealizei escrever sobre o tema; pois constatei nas raras edições sobre o assunto, a ausência de ligação da história, configuração e produção do mobiliário, um recurso extremamente necessário para a profissão, na prática, e juntamente à sala de aula. Essa carência animou-me em direção à pesquisa.

A perspectiva cronológica possibilitou entender os fatos e as referências. Assim, partindo da Antiguidade, com recorte e destaque no mobiliário do Egito Antigo, elaborei este artigo, com o desejo que o leitor descubra e percorra, através da história, o modo de viver em espaços interiores sempre à procura de maior segurança, conforto e beleza, por meio de uma linguagem simples e resumida, frente ao que já se conhece sobre estilos artísticos e *design*.

Os capítulos iniciais apresentam, de forma sintética, o mobiliário e o contexto histórico e sociopolítico do Egito Antigo, para que o leitor compreenda os períodos relativos à concepção artística e formal do mobiliário. As figuras escolhidas ilustram o assunto sempre que necessário.

A metodologia aplicada é bibliográfica fundamentada nos autores Edward Mcnall Burns (2005); H. W. Janson (1992); C. W. Ceram (1962) e Geoffrey Killen (1994), com enfoque no método, histórico e qualitativo histórico e qualitativo desenvolvido na prática e na observação junto aos Museus e Fundações, entre eles, *Fondazione Museo delle Antichità Egizie di Torino*; *Museo Egizio di Firenze*; *Museum of Fine Arts*, Boston; *The British Museum*, Londres; *The Griffith Institute*, Oxford; *Brooklyn Museum*, New York e *The Metropolitan Museum of Art*, New York.

2 Mobiliário Egípcio

A evolução do móvel tem profunda relação com o desenvolvimento da arquitetura e com a respectiva cultura dos povos.

A sociedade primitiva constituída de povos nômades produz objetos simples, aprimorados com o desenvolvimento do poder econômico. Sem dúvida, os poucos móveis tornam os primeiros assentamentos mais agradáveis. No entanto, a não ser os artefatos da civilização egípcia em floração, encontra-se pouco, ou até mesmo nenhum exemplo ou modelo das civilizações mais antigas.

No Vale do Nilo, crescem árvores de vários tipos, porém, pobres em qualidade. Segundo Geoffrey Killen (1994, p. 7), “a acácia² foi provavelmente a madeira mais utilizada das árvores nativas. Evidências do seu uso por marceneiros podem ser rastreadas durante todo o período dinástico”.

As classes aristocráticas egípcias recebem móveis feitos com madeira, luxuosa e valorizada, importada do Oriente Médio, principalmente do Líbano, como o cedro³. Da Núbia, e da Etiópia, chega a madeira ébano⁴.

Com os problemas da crescente demanda por madeira de melhor qualidade, não é surpreendente que a importação de madeira começou logo na primeira dinastia. A costa do Mediterrâneo Oriental provou ser a mais popular fonte de importações de madeira egípcia. Como o aumento da quantidade dessas madeiras novas, o Egito alcançou durante o império antigo, a qualidade da madeira desejada. Provavelmente a mais antiga madeira importada para ser usada no mobiliário foi o cedro. (KILLEN, 1994, p. 7, tradução nossa).

Enquanto os móveis populares são deixados na madeira crua, quase sempre inferiores, ou recebem pintura colorida, invariavelmente imitativa⁵, os móveis de

² Acácia - Madeira extremamente dura, pesada, imune ao ataque de insetos e da humidade, portanto, durável, propícia para obras de marcenaria e carpintaria da espécie *Acacia seyal* e *Acacia tortilis*. Árvore sagrada para os antigos egípcios.

³ Cedro - Madeira aromática, também utilizada como resina pelos egípcios antigos. Variedade do Cedro do Líbano ou *Cedrus Libani*.

⁴ Ébano - Madeira nobre e valiosa, muito escura, resistente e rija. O ébano reluz ao ser polida. De origem africana e asiática, do gênero *Diospyros*, da família das ebenáceas. Atualmente o ébano é uma madeira protegida por ser extremamente rara.

⁵ Na História do mobiliário, observa-se que a aplicação de técnicas de pintura é um dos meios mais populares e fáceis para a imitação, de acessórios, como pedras preciosas e semipre-

madeira nobre, dos faraós e dos membros da corte, são revestidos com lâminas finas de madeiras contrastantes, lâminas de ouro e prata, envolvidos por pintura de cores vivas, a base de minerais; recebem embutidos de marfim e incrustações de pedras preciosas.

Os móveis infantis são miniaturas com todas as características semelhantes do mobiliário adulto, inclusive acabamento em materiais nobres.

Os métodos utilizados na execução do mobiliário demonstram por parte dos artesões egípcios um alto grau de aperfeiçoamento, representado, nas juntas de topo⁶, simplesmente amarradas com tiras de couro, nas juntas de encaixe⁷; nas técnicas da espiga⁸ e cavilha⁹, fixação com resina; reforço de virolas¹⁰; na curvatura da madeira e no desenvolvimento dos compensados e folheados; no acabamento e polimento da madeira através do atrito com pedra; sem esquecer, o emprego de dobradiças, rebites, ferragens e eixos de metal.

Através da pintura mural e baixo-relevo¹¹, nas paredes dos templos e tumbas, é possível reconhecer que desde as primeiras Dinastias os egípcios já convivem com a cadeira, banco, mesa e arca; divãs, armações de leitos e apoio para cabeça.

Baixos-relevos em grande maioria demonstram que o mobiliário egípcio desde o início apresenta um estilo próprio, seja na forma, seja nos detalhes artísticos.

Nas artes plásticas, o estilo é o modo especial de escolher e combinar as formas. Para os historiadores de arte, o estudo dos estilos tem importância capital: não só os habilita a descobrir,

preciosas, marfim, folha de tartaruga, de ouro, de prata e cobre; madeiras raras, mármore coloridos, empregados para embelezar os móveis de luxo.

⁶ Junta de topo - Dois lados que se unem em L ou T, ou através de dois lados chanfrados.

⁷ Junta de encaixe - São recortes e pinos dos dois lados, interligados. A mais comum é a junta em forma de cauda de andorinha. Recebe esse nome, pois a forma lembra a cauda do pássaro. A própria forma assegura a articulação e fixação do conjunto. A resistência mecânica depende da direção das fibras da madeira.

⁸ Espiga - A técnica de Espiga e Fura, também chamada de Caixa, é uma das mais conhecidas e antigas em carpintaria. As peças a serem unidas formam 90° e uma vez inserida na cavidade, recebe cola ou é reforçada com prego. As forças que atuam sobre o encaixe são: compressão, cisalhamento, flexão, torção e tração.

⁹ Cavilha - Pequena peça, normalmente cilíndrica, de madeira, utilizada como suporte e reforço na junção de montantes e estruturas.

¹⁰ Virola - Aro em material reforçado, o qual garante e preserva as fendas e encaixes.

¹¹ Baixo-relevo - Pequena saliência da figura esculpida sobre fundo plano.

graças a cuidadosas análises e comparações, quando, onde e por quem certa obra foi criada, como lhes permite compreender a intenção do artista, a qual depende da sua personalidade e do meio onde viveu e trabalhou. Um estilo nacional é o conjunto dos traços próprios que distinguem a arte de um povo perante a de quaisquer outros. (JANSON, 1992, p. 57)

As cadeiras e tronos são representados em maior número, sozinhos ou acompanhados de mesas e bancos para apoio dos pés.

As pernas dos tronos, cadeiras, bancos e camas, apresentam ornamentos e elementos zoomórficos como: patas de leão, de touro e de gazelas, anteriores e posteriores; cabeça de pato e asas de pássaros, e sob elas uma sapata¹² formada por uma fileira de aros esculpidos.

Os assentos e móveis de repouso recebem, nas regiões de contato com o corpo, couro, fibras vegetais e almofadas envolvidas por tecidos finos e linho.

Os montantes reforçam a estrutura e garantem a estabilidade, em delicadas linhas verticais, horizontais e inclinadas, em madeira ou marfim. (Figura 1).

Figura 1 – Pintura executada por volta de 1000 a.C.



Fonte: KING, 1996, p. 10.

Original date/time: 06 out. 2013 11:14. Modificada em 27/08/2015. 1761x1352 pixels. 300 dpi. 24 bits. JPG. 372 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

Representa o falecido a ouvir um tocador de harpa. Pintura executada por volta de 1000 a.C. Cadeira com pés zoomórficos. Os montantes reforçam a estrutura e garantem a estabilidade da cadeira egípcia.

¹² Sapata - Base ou ponteira, de materiais resistentes. São adicionadas aos pés ou pernas de caixas decorativas, baús, camas, cadeiras e mesas. Além de embelezar, as sapatas têm a função de resistência, mas também servem para equilibrar e nivelar o móvel apoiado no chão irregular.

3 Egito

Às margens do Rio Nilo, no vale que atravessa o deserto de Saara, ao norte da África, surge uma das mais intrigantes civilizações. Os artefatos encontrados indicam humanos a partir de cerca de 25.000 anos a.C. na região do vale do Nilo, favorecidos pela água e solo fértil.

Por longo período, grupos organizados unem as aldeias em territórios denominados nomos, chefiados por monarcas. A seguir, os nomos formam dois grandes reinos: Baixo Egito, ao norte e Alto Egito ao sul. O desenvolvimento da escrita ocorre, concomitante, à formação dos nomos, condição essencial para o desenvolvimento de um governo, em que são registradas instruções e a história é documentada.

A história do Egito encontra-se dividida em dois períodos.

Considera-se o Período Pré-dinástico cerca de 5500 a.C. a 3200 a.C.¹³, quando da formação das primeiras aldeias e o Período Dinástico, a partir da primeira dinastia, o qual é marcado por diferentes fases.

A compleição racial do Egito pré-dinástico era essencialmente a mesma que se observa em épocas posteriores. Os habitantes pertenciam ao ramo mediterrâneo da raça caucásica. Eram baixos, de tez escura, cabeça alongada, cabelos lisos e pretos, olhos fundos e nariz levemente aquilino. [...] O período pré-dinástico não foi de nenhum modo insignificante na história cultural do Egito. Houve notáveis progressos nas artes e ofícios, e até mesmo em algumas ciências. (BURNS, 2005, p. 59)

Aproximadamente, em 3200 a.C. o rei Menés domina o Baixo Egito, ao norte, formando o Antigo Império, no período denominado de Arcaico ou Dinástico Antigo. Assim são constituídas a Primeira e Segunda Dinastias em cerca de 3100 a.C. a 2650 a.C.; representando o Alto e Baixo Egito.

Durante o Antigo Império, o período que enquadra a Terceira Dinastia, por volta de 2650 a.C., até a Sexta Dinastia em 2195 a.C., tem como capital, a cidade de Mênfis,¹⁴ localizada às margens do Rio Nilo. O período se caracteriza pelo desenvolvimento da construção das pirâmides, inclu-

do as de Sacara¹⁵ e as tumbas reais, substituindo as antigas mastabas¹⁶. A evolução técnica se acentua e já estão presentes o sentimento e o prazer artístico nas construções. Durante a Quarta Dinastia, as pirâmides de Quéops, Quefren e Miquerinos¹⁷, que abrigam as tumbas reais, são projetadas e construídas próximo à Mênfis, no planalto de Gizé.

Na maioria das civilizações em que os interesses da sociedade são colocados acima dos de todos os seus membros a arquitetura é, ao mesmo tempo, a arte mais típica e a mais altamente desenvolvida. [...] Ainda que a pintura e a escultura não fossem de modo algum primitivas, tinham, contudo, como função primária o embelezamento dos templos. Somente em certas oportunidades alcançaram a situação de artes independentes. (BURNS, 2005, p. 83)

Grande parte das informações sobre a Antiguidade egípcia encontra-se nas pirâmides e tumbas reais, juntamente às paredes interiores e exteriores. Desenhos, pinturas e baixos-relevos representam a sociedade, a religião e a política. As composições apresentam características semelhantes às pinturas Pré-Históricas com silhuetas planas em espaços demarcados a partir da linha do solo. A arte egípcia, além da observação da natureza segue rigorosas regras e normas específicas, em que se adotam proporções, características e leis que se mantêm inalteradas. O método que se resume à representação pictórica de cabeça de perfil, olho de frente, ombro e tronco de frente, ventre de três/quartos, pernas e ambos os pés de perfil, permite, assim, o melhor ângulo da figura.

Para os egípcios, os menores detalhes da própria vida, do início ao fim, e de todos os acontecimentos que os rodeiam dependem dos deuses. E são muitos, inclusive, o faraó. Os deuses mais antigos são representados por animais, alguns com funções humanas, outros dirigentes das mesmas funções.

As divindades e personalidades acompanham as Dinastias, alterando-se e superpondo-se de acordo as mudanças, em grau de importância na veneração e na representação, assim como cada centro religioso desenvolve a sua própria versão da Criação. Com a fundação de Mênfis, entre as principais divindades encontram-se:

¹³ Autores distintos opinam sobre diferentes datas, portanto algumas são aproximadas ou podem apresentar diferença de anos e séculos, segundo um e outros. As datas aqui apresentadas se referem a datação exposta na sala egípcia do *Museo Archeologico Nazionale* de Firenze, Itália.

¹⁴ *Men-nefer*, primeiro nomo do Baixo Egito, localizado próximo ao sul de Cairo, atual capital do país.

¹⁵ *Sakara ou Saqqara*. Sítio arqueológico próximo a Mênfis, na margem oeste do Nilo. Em Sacara se encontra, entre outras, a pirâmide de degraus junto ao complexo funerário de Djoser, faraó da Terceira dinastia.

¹⁶ Túmulo egípcio dos nobres e sacerdotes, erguidos por volta do final do período Pré-dinástico.

¹⁷ *Khufu, Khafre e Menkaure*; também conhecidos por *Keops, Kefren e Mikerinos*.

Ptah, deus dos artesões, Osiris, rei dos mortos, e Hórus rei na terra, representado pelo falcão.

No Primeiro período Intermediário, da Sétima a Décima primeira Dinastias, por volta de 2065 a.C., os monarcas e nobres no poder ganham o direito de divino, ou seja, o direito de mumificação. Com poucos recursos, frente a um período de anarquia, recessão econômica e fome, as artes não se desenvolvem no país. No final do conflito armado, a vitória cabe à dinastia tebana e Mentuhotep II inicia o Médio Império, com Tebas¹⁸ e Mênfis como capitais do governo.

Os faraós voltam a possuir recursos para construir túmulos imponentes, no entanto, um novo ideal de sepultura começa a ser formulado. Com medo dos saques, Mentuhotep II, constrói para si o primeiro túmulo escavado na rocha da história do Egito, na região de Deir el Bahari¹⁹. Na região de Karnak, em Tebas, do lado direito do Nilo, o primeiro templo dedicado ao deus Amon-Ra, fortalece o poder dos sacerdotes.

No Segundo período Intermediário, de 1781 a 1550 a.C., com a imigração de povos asiáticos, a monarquia, ameaçada, divide-se em diversas dinastias, lançando o país no caos.

Em Tebas, Ahmose, conhecido por Amósis I, pai de Amenhotep I, da Décima oitava Dinastia, inicia o Novo Império, por volta de 1550 a.C. após a derrota dos invasores.

Para a última morada dos novos faraós, escolhe-se o Vale dos Reis, em Tebas, com proteção natural e difícil acesso. Escavado na base das falésias em Deir el-Bahari, próximo ao templo mortuário deixado por Mentuhotep II, no Médio Império, e entre inúmeras tumbas, encontra-se um dos mais belos templos egípcios, com três níveis de terraços e magníficos pilares, construído para a rainha Hatshepsut, mulher de Tutmose III, pai de Amenhotep III.

Sob um novo culto religioso e estilo artístico, o filho de Amenhotep III, Amenófis IV, muda o próprio nome para Akhenaton; transfere a capital para outro local²⁰, de grandes proporções, situado entre Mênfis e Tebas, alterando o nome da capital para Akhetaton²¹, sob a proteção do deus Aton, ou deus do sol.

A restauração do culto antigo de Amon se dá durante o reinado de Tutankhamon²², filho e genro de Akhenaton, casado com sua meia irmã Ankhesenamun. Com a restauração, as terras confiscadas por Akhenaton são devolvidas para o antigo clero.

Na região da Núbia,²³ no período de Ramsés II, chamado de O Grande Faraó, da Décima nona Dinastia, vários templos são construídos, alguns deles encravados na rocha, na região de Abu Simbel, próximo ao Nilo.

Durante o Terceiro período Intermediário, de 1070 a 656 a.C. o poder político do Egito fragmenta-se e vários povos tomam o poder. Os sacerdotes procuram por novas sepulturas, para impedir saques e violação às múmias dos faraós do Novo Império. Assim, elas são preservadas, até serem encontradas no século XIX.

Os persas invadem o Egito, em 525 a.C., transformando-o em província do Império Persa, com a capital em Mênfis, durante o período chamado de Tardio, por volta de 656 a 332 a.C.

Em 332 a.C. Alexandre, o Grande, conquista e anexa o Egito ao Império Macedônio. Durante a breve estada no Egito, Alexandre planeja a construção da capital Alexandria. Em 304 a.C. com a morte de Alexandre, o general Ptolomeu I Soter I declara-se faraó, iniciando a Dinastia Ptolemaica.

A Dinastia Ptolemaica se encerra após a morte da rainha, Cleópatra VII, em 30 a.C. quando o Egito faraônico deixa de existir, tornando-se uma província romana.

Os governantes romanos permitem, dentro dos limites, a continuidade da cultura egípcia, mas o povo, aos poucos, esquece seus deuses, mantendo apenas o culto a deusa Isis. A partir de 395, com o imperador Constantino impondo o Cristianismo, os sacerdotes egípcios são mortos. Os templos são destruídos, as imagens apagadas; e a língua egípcia desaparece no tempo. Somente em 1922, com a tradução hieroglífica e demótica por Jean-François Champollion²⁴ através da Pedra de Roseta²⁵, encontrada

¹⁸ Ao Sul, nas proximidades da atual cidade de Luxor.

¹⁹ *Deir el-Bahari*. Complexo de sepulturas próximo a Luxor, na margem esquerda do Nilo.

²⁰ Atual região de Amarna, província de Al Minya, no Egito.

²¹ Horizonte de Aton ou cidade do sol.

²² Tutankhamon, faraó da Décima oitava Dinastia, por volta de 1336 a 1327 a.C.

²³ Região que na época dos faraós separava o Egito de parte da África, às margens do Nilo.

²⁴ Egiptólogo e linguista francês, Jean-François Champollion nasceu em 1790, e faleceu em 1832, em Paris, com apenas 41 anos. Considerado o pai da egiptologia, a ele se deve a decifração dos hieróglifos egípcios.

²⁵ As forças militares comandadas por Napoleão Bonaparte (1769-1821) encontraram a Pedra de Roseta, em 1799, quando chegaram ao deserto egípcio, que pertencia ao Império

pelas tropas de Napoleão, o Egito Antigo volta a ser conhecido.

4 Mobiliário Recuperado

Além das representações em pinturas e baixo-relevo, por outro lado, o conhecimento do mobiliário egípcio é possível graças ao costume de se enterrar com os mortos os objetos de uso pessoal, através do culto de que na outra vida os mortos os utilizariam. Assim, com as escavações arqueológicas são descobertos móveis, às vezes, em perfeito estado, os quais espelham de alguma forma, além das imagens reproduzidas, o modo de vida na Antiguidade.

Algumas das peças encontradas são armações de cama, mesas de um único bloco de madeira ou com pernas encaixadas no tampo; móveis de assento e caixas, dos mais diversos tamanhos e modelos, peças essas, reduzidas a pó quando de madeira, mas restauradas graças aos embutidos de pedras e revestimento de ouro.

Encontrada, em 1906, pelo egiptólogo, italiano, Ernesto Schiaparelli²⁶, a tumba intacta do arquiteto real Kha e sua esposa Merit²⁷, no povoado dos artesões em Deir el Medina, região próxima a Tebas, atual Luxor, no Egito, com mais de quinhentos objetos, entre mobiliário, vestimenta e utensílios de trabalho, revela hábitos e costumes sociais do período. O mobiliário demonstra que, apesar de menos luxuoso, apresenta os mesmos modelos utilizados nos palácios reais. A maioria dos artefatos faz parte do Museu Egípcio de Turim, na Itália.

A descoberta da Tumba - próxima a Pirâmide de Quéops, em Gizé - de Hetepheres I, da Quarta Dinastia²⁸, esposa do rei Snefru e mãe do faraó Quéops, se deu, acidentalmente, em 1925, por Mohamadien Ibrahim, que trabalhava para o egiptólogo, americano, George Andrew Reisner (1867-1942)²⁹.

Otomano na época. O fragmento encontrado foi crucial para a compreensão dos hieróglifos egípcios.

²⁶ Ernesto Schiaparelli (1856-1928). Cooperou na descoberta da Tumba de Nefertari, no Vale das Rainhas e do arquiteto Kha. Nomeado diretor do *Museo Egizio di Firenze* e posteriormente do *Museo Egizio di Torino*, Itália.

²⁷ Reinado de Amenhotep III, da Décima oitava Dinastia, por volta de 1539-1292 a.C. (Novo Império)

²⁸ Antigo Império, por volta de 2650 a 2195 a.C.

²⁹ Responsável pelo Museu de Belas Artes de Boston, o egiptólogo americano dedicou-se durante 40 anos a escavar as pirâmides de Gizé.

Na tumba real, foi encontrada uma suíte completa, com cadeiras, cama, um encosto de cabeça e um baldaquino³⁰, todos de madeira revestida com ouro. O severo mobiliário, de linhas simples, foi reproduzido³¹ baseado nos achados da Tumba. Madeira, ouro, cobre e prata; couro, faiança e ébano, foram os materiais empregados nas reproduções. As peças fazem parte do Museu de Artes Finas de Boston, Massachusetts.

Graças à numerosa descoberta dos móveis, como cadeiras, tronos, bancos, camas e arcas, na tumba de Tutankhamon, em 1925 por Howard Carter³² e devido à sobriedade em utilizar métodos rigorosos, minuciosos e científicos, foi possível alavancar o conhecimento das técnicas ornamentais e os materiais utilizados na fabricação dos móveis egípcios.

No primeiro momento Carter não conseguiu distinguir nada. Quando, porém, os seus olhos se acostumaram à luz indecisa e começou a distinguir contornos, depois sombras, depois as primeiras cores, quando seu olhar foi distinguindo cada vez mais claramente o que continha o compartimento atrás da segunda porta selada... não soltou nenhuma exclamação de espanto: ficou mudo! [...] a porta foi aberta e a luz de uma forte lâmpada elétrica arrancou relâmpagos dos esquilés de ouro, do trono de ouro, reflexos foscos das duas grandes estátuas negras, dos vasos de alabastro e de estranhas urnas. (CERAM, 1962, p. 166-167)

Acompanhado do fotógrafo Harry Burton³³, Carter registrou e numerou detalhadamente toda espécie de artefato, antes de removê-lo. A parede do lado direito na foto da antecâmara esconde a passagem para a câmara do tesouro e urna dourada do faraó (**Figura 2**).

³⁰ Baldaquino - Conjunto de colunas e arquivadas dos mais diversos materiais. Sustenta cortinas finas como mosquiteiros ou grossas para proteção de correntes de ar e privacidade. As colunas derivam dos pés de camas, cadeiras, liteiras ou tronos. O nome *baldacchino* surge na Itália, na Idade Média, e deriva de Baldac ou Bagdad.

³¹ Reproduções encomendadas para o Museu de Belas Artes de Boston (MFA) e feita pelo marceneiro Boston Joseph Gerte, em 1929 e 1938. Materiais usados: Madeira, ouro, cobre, prata, couro, faiança e ébano. (Disponível em: <<http://www.gizapyramids.org/code/emuseum.asp?newpage=sitemap>>. Acesso em: maio 2014)

³² Arqueólogo e egiptólogo britânico, Howard Carter (1874-1939) descobriu o túmulo do faraó Tutankhamon no Vale dos Reis. Financiada e associada à Lorde Carnavon - George Edward Stanhope Molyneux Herbert (1866-1923), um rico colecionador de objetos de arte.

³³ Fotógrafo britânico, Harry Burton (1879-1940). Conhecido por suas fotografias nas escavações do Vale dos Reis, no Egito.

Figura 2 – Foto da antecâmara da tumba de Tutankhamon

Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015. 643x475 pixels 300 dpi 24 bits 173 KB.

Na câmara do tesouro, abaixo e ao lado da urna dourada, os arqueólogos descobriram as mais diversas preciosidades entulhadas, entre elas: cadeiras, o trono real dourado, camas, e uma infinidade de caixas, as quais abrigavam os mais diversos objetos de uso real.

A maioria das peças da tumba de Tutankhamon, que atualmente encontram-se em exposição, foi reproduzida e restaurada, devido ao reforço, enfeites e incrustações de ouro, cerâmica e pedras preciosas, os quais mantiveram a forma do móvel, apesar do desgaste, tratamento indevido do achado; ou mesmo após o desmanche da madeira envelhecida.

4.1 Caixas e baús

As caixas e baús, para a guarda de objetos valiosos, utensílios de toalete, ferramentas e vestiário, apresentam diversas formas e tampas de diferentes projetos. Pintura colorida e dourada, painéis perfurados, embutidos de marfim, aplicações de faiança colorida e folhas de ouro, incrustações de pedras coloridas, desenhos, hieróglifos e representações de deuses, são elementos presentes nas peças. A base, praticamente da maioria, é constituída por quatro pés de forma quadrangular. Estes, muitas vezes, são uma continuação da estrutura e são arrematados por sapatas de bronze. Os baús e caixas, maiores e mais pesados, eram erguidos do chão, e transportados, por dois bastões, apoiados na base.

Um dos baús encontrados na antecâmara da tumba de Tutankhamon apresenta painéis de madeira ébano com embutidos de marfim, faiança, vidro e calcita. As bordas recebem faixas delicadas de marfim e ébano. A base dos quatro pés de forma quadrangular é de bronze.

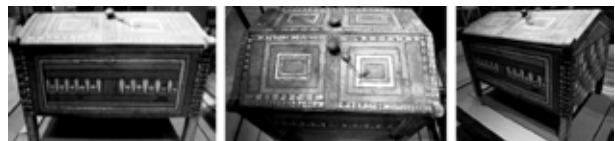
A tampa abaulada do baú recebe embutido de marfim e representa o casal real, em baixo-relevo, em um jardim com flores e videira. Tutankhamon aceita um ramalhete de Ankhesenamon. Abaixo da cena, donzelas recolhem frutos e flores. As bordas recebem os mesmos motivos florais da caixa, em marfim, ébano, faiança, vidro e calcita.

Exímios fabricantes de tinta colorida, os egípcios utilizavam o branco do óxido de cálcio, o amarelo do ferro e o preto do carvão, por exemplo. O azul era conseguido por meio de óxidos de cobre e cobalto misturados ao bicarbonato de sódio e de cálcio fundidos em alta temperatura.

Um produto apreciado e importado pelos egípcios era a faiança, material cerâmico de superfície vítrea, produzido nos tons azuis e verdes, os quais substituíam, em alguns casos, o lápis lazuli – rocha azul escura e intensa – e a turquesa.

A beleza e riqueza de detalhes das caixas e baús egípcios parecem ser intermináveis. As inúmeras peças de mobiliário, com a finalidade de transporte ou apenas de enfeite, indicam o modo de vida, luxuoso, da realeza egípcia, e são reproduzidos, embora com material mais simples, com semelhante beleza, pela classe inferior (**Figura 3**).

Figura 3 – Caixa com tampa inclinada Deir el-Medina. Novo Império. Décima oitava Dinastia (1539-1292 a.C.) | Amenhotep III.



Fonte: Fondazione Museo delle Antichità Egizie di Torino, Itália

Original tirada em 30/06/2015 12:36. SONY DSC-W810. ISO-800 1/10s. Fondazione Museo delle Antichità Egizie di Torino, Itália. Modificada em 27/08/2015. 4000x894 pixels 300 dpi 24 bits. JPG. 489 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

Um dos mais belos baús encontrados na tumba de Tutankhamon apresenta a superfície coberta de pintura, marfim e ouro.

A pintura lembra as qualidades e inovações artísticas que seu antecessor Akhenaton pregou, desafiando as tradições faraônicas.

As composições são emolduradas por motivos geométricos e fitomórficos³⁴.

³⁴ Motivo fitomórfico – Desenho aplicado com características semelhante às plantas, como caule, gavinha, folhas, flores e botões.

Os lados maiores apresentam cenas de batalha contra os sírios e núbios. Em um dos lados, soldados distribuídos em seis carros de guerra seguem o faraó, que é representado em maior tamanho, junto ao carro puxado por dois cavalos. Os inimigos se encontram agrupados, em meio ao caos, à direita. Os lados menores exibem os cartuchos com o nome do rei.

A tampa abaulada apresenta uma cena de caça. O rei localiza-se à frente de cavaleiros e escravos. Sobre o carro puxado por dois cavalos, o faraó armado de arco e flecha, destaca-se do fundo coberto de hieróglifos, semelhante às composições laterais. À direita a paisagem se transforma em um deserto, “cuja superfície está coberta por um pontilhado que sugere a areia. Variadas plantas alastram pelo solo e os animais correm em debandada, sem nenhuma linha de terra a cortar-lhes a fuga”. (JANSON, 1992, p. 69).

Entre as pequenas e numerosas caixas para guardar cosméticos, uma se destaca pela beleza e delicada forma. As pernas altas, retas e delgadas da caixa quadrada em madeira ébano, são reforçadas por barras transversais e painéis, em madeira avermelhada. Os arabescos³⁵ dividem-se entre madeira ébano e madeira dourada. À volta toda da caixa e dos painéis, as bordas, com incisões e textos hieroglíficos, recebem pigmento amarelo para imitar o marfim.

Dobradiças de bronze articulam a delicada tampa. Os botões dourados na tampa e no painel frontal recebem, respectivamente, o prenome e o nome do rei (Figura 4).

Figura 4 – Caixa para guarda de cosméticos



Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015. 937x713 pixels 300 dpi 24 bits 190 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

4.2 Bancos

Bancos³⁶ de modelos os mais diversos, de três e quatro pernas, foram encontrados em grande maioria nas tumbas egípcias.

Exemplos de bancos descobertos na tumba de Kha, arquiteto e capataz dos operários de Deir el-Medina³⁷, da Décima oitava Dinastia, apresentam semelhanças. Um deles, elaborado, de madeira ébano indica a origem da elite dos trabalhadores. As pernas cilíndricas recebem incisões e incrustações de marfim, e imitam guirlandas de pétalas de lótus. As travessas, também cilíndricas, reforçam a estrutura e recebem em marfim, virolas e delicados montantes verticais e inclinados. A dupla curvatura do assento é formada por barras côncavas entortadas no vapor. Em modelos semelhantes os assentos recebem acabamento em couro ou trançado de fibra natural.

Os bancos mais simples, em sua grande maioria, são constituídos de assento, semicircular, côncavo, formado por um só bloco de madeira. As pernas, unidas, ou não, por travessas curvadas, se prolongam em curva além da superfície do assento, dando-lhe maior estabilidade. Em algumas tumbas os bancos encontrados, de mesmo modelo, recebem assento decorado e esculpido nas laterais, assim como, as pernas recebem eventual decoração de pés zoomórficos (Figura 5).

Figura 5 – Banco de três pernas Deir el-Medina. Novo Império. Décima oitava Dinastia (1539-1292 a.C.) | Amenhotep III



Fonte: Fondazione Museo delle Antichità Egizie di Torino, Itália

Original tirada em 30/06/2015 11:58. SONY DSC-W810. ISO-800 1/10s. Fondazione Museo delle Antichità Egizie di Torino, Itália. Modificada em 27/08/2015. 802x696 pixels 300 dpi 24 bits. JPG. 198 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

³⁶ Os banquinhos são conhecidos por *stool* ou *sgabello*. O termo tamborete é atribuído aos bancos mais baixos.

³⁷ Reinado de Amenhotep III, da Décima oitava Dinastia, por volta de 1539-1292 a.C. (Novo Império)

³⁵ Arabescos - Delicada combinação de formas. Conhecido também por *fretwork*.

Os bancos encontrados em distintas tumbas, pertencentes a Décima oitava Dinastia egípcia, são muito semelhantes, em proporção e construção. O reforço das juntas, e delicados montantes ou travessas, na estrutura, comprovam a durabilidade e resistência dos mesmos. Os assentos recebem estrutura de madeira curvada ou trama no padrão espinha de peixe, em fibra de linho ou couro (Figura 6).

Figura 6 – Banco com montantes. Sacara, Egito. Novo Império, por volta de 1539-1295 a.C



Fonte: THE BROOKLYN MUSEUM.

Modificada em 27/08/2015. 1832x619 pixels 300 dpi 24 bits. JPG. 310 KB.
MARTINI, Fátima R. Sans.

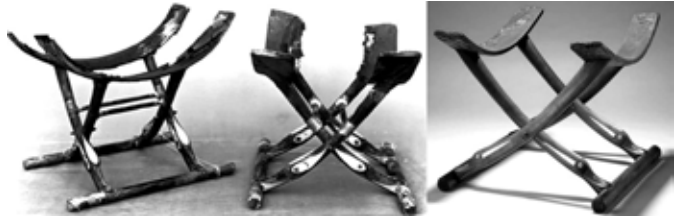
Banquinhos dobráveis eram comuns na Antiguidade, mas os bancos encontrados nas tumbas dos faraós do novo Império apresentam um modelo que parece ter sido comum – as pernas cruzadas, nas laterais, se encerram com a forma da cabeça e bico de ave, e os olhos e enfeite do pescoço são de marfim.

Um dos bancos de fechar, encontrado na antecâmara da tumba de Tutankhamon, apresentava juntamente às barras côncavas, restos de couro vermelho, que sustentavam o assento, provavelmente pele de cabra tingida.

O par de pernas arredondadas do banquinho em madeira ébano é anexado, sob o assento, em diagonal e se cruzam no centro presas por pinos de bronze. Os montantes que reforçam e unem o par de pernas recebem virolas de marfim na parte interna e externamente um acabamento em filete dourado para esconder os pinos de fixação.

Abaixo do cruzamento, as pernas são mais grossas e esculpidas com a forma de cabeça de ganso, e embutido de marfim. As bocas abertas se encerram sobre uma barra de madeira, finamente arredondada (Figura 7).

Figura 7 – Banco dobrável Novo Império. Faraó Tutankhamon. O detalhe em marfim é diferente no banco à direita.



Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015. 4000x1287 pixels. 300 dpi 32 bits. 481 KB.
MARTINI, Fátima R. Sans.

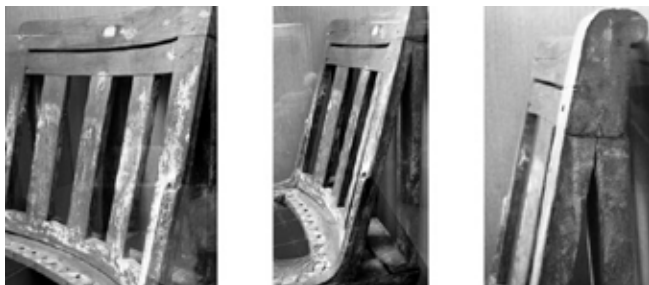
4.3 Cadeiras e tronos

Uma das cadeiras restaurada, de Hetepheres I da Quarta Dinastia apresenta o encosto e assento de madeira emoldurada com folha de ouro e, com certeza, recebia almofada para o conforto. O modelo representa a mistura da forma zoomórfica e motivo fito mórfico.

Duas poltronas tinham sido colocadas no túmulo, mas infelizmente só uma foi reconstruída. Cada uma tinha pernas em forma de leão e sapatas e tambores de cobre. O assento da poltrona apresentava estrutura em madeira maciça revestida de ouro. Os braços de madeira dourada têm incisões paralelas e são decorados com três flores amarradas por uma fileira de anéis semicircular. (KILLEN, 1994, p. 31, tradução nossa).

A execução das cadeiras evolui a partir do Médio e Novo Império, com a introdução de alguns elementos vulgares. As pernas, além do simples perfil quadrado, apresentam a forma zoomórfica, geralmente de leão e touro, de patas traseiras – inclusive com a dobradura – e dianteiras. Uma base de cilindros superpostos sob as patas zoomórficas, servem como uma sapata para proteção da própria madeira, distribuição do peso e correção das diferenças de altura no piso. O espaldar inclinado e apoiado em outro encosto reto, utilizado como pontão, ou escora, que se apoia na estrutura do assento, na direção das pernas traseiras e, a delicada esquadria de madeira encurvada, reforçada por rebites³⁸, normalmente decorada com folha de ouro ou marfim, que une e reforça o assento e encosto dianteiro, como uma trava (Figura 8).

³⁸ Rebite - Pequeno metal cilíndrico introduzido em um furo, de tal modo que a extremidade sobressaia e possa formar uma cabeça rebatida e plana. Empregada para reforçar as juntas.

Figura 8 – Detalhe encosto cadeira

Fonte: Museo Egizio di Firenze, Itália

Novo Império (1550-1070 a.C.). Original tirada em 11/07/2015 10:00. SONY DSC-TX1. ISO-400 1/20s. Museo Egizio di Firenze, Itália. Modificada em 27/08/2015. 3372x1654 pixels 300 dpi 24 bits. JPG. 650 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

Uma das cadeiras mais bem conservada encontrada na tumba de Kha, em Deir el-Medina, com encosto inclinado e pontão, reforço na fixação do assento e perfeitos encaixes nas juntas, fixados com resina, é um exemplo do mobiliário copiado da realeza. Embora executada com as mesmas formas e, aparentemente, com a mesma durabilidade, apresenta artifícios que imitam os materiais preciosos. O encosto recebe decoração de pintura nas laterais e borda superior em padrão que lembra diamante, nas cores pretas e brancas, imitando as incrustações de madeira ébano e marfim. Flores e botões de lótus, cachos de uvas, e espirais são representados na parte superior do encosto. Uma coluna de hieróglifos traçada a tinta preta envolve ambos os lados de um retângulo preto e branco grande, dividido em seis seções verticais. Os pés da cadeira terminam em patas de leão e descansam sobre a base cilíndrica, de madeira com ranhuras, imitando a fileira de cilindros das cadeiras imperiais.

Entre as cadeiras em madeira cedro, encontradas na tumba de Tutankhamon, uma delas apresenta um exemplo de ergonomia.

O assento é curvado, nos dois sentidos, formado por travessas. Resultado ideal para acomodar os almofadões, evitando a possível queda.

As pernas são unidas e reforçadas por uma travessa de madeira à volta toda da estrutura. A barra apresenta montantes em ouro e restos prováveis de painéis com arabescos em ouro.

O encosto é levemente inclinado e sustentado por outro reto, do mesmo modo, vazado e esculpido. O espaldar apresenta a figura do deus Heh³⁹ sob o disco solar.

³⁹ O deus Heh representa a eternidade e espaço infinito. Conhecido por deus de milhões de anos. Para os governantes significaria o desejo de muito tempo de vida e poder. Na

As laterais e o encosto recebem rebites e folhas de ouro marchetado (Figura 9).

Figura 9 – Cadeira cerimonial do deus Heh encontradas na tumba de Tutankhamon

As pernas altas têm a forma de patas de animal – dianteiras e posteriores – com garras em marfim que se apoiam em uma fileira de cilindros em ouro e bronze. Largura: 47,5 x profundidade: 51 x altura: 96



Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015 3925x2022 pixels. 300 dpi. 24 bits. 743 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

Os tronos fazem parte do ritual dos grandes impérios e, juntamente à tumba do faraó Tutankhamon, foram encontrados diversos exemplares, inclusive infantis.

Executado em madeira dourada, o conhecido trono do rei, em madeira dourada, foi facilmente restaurado, graças à estrutura totalmente revestida com incrustação de massas vítreas, *pietre dure*⁴⁰ e prata.

No encosto, em talha dourada, representada diante do rei, em pé, está a jovem esposa Ankhesenamun. O casal, sob os raios do disco solar, usa coroa e colar ricamente trabalhado e colorido. No fundo, incisões de hieróglifos e cartuchos⁴¹.

cadeira cerimonial o deus está de joelhos sob o disco solar adornado com um araeus duplo – forma de serpente (mesmo símbolo utilizado nas coroas dos faraós) símbolo de soberania, de realeza e divindade. Um ankh – símbolo da vida eterna – adorna um dos braços abertos. Em cada mão, uma haste de palmeira, terminada em forma de um disco solar com um araeus cada.

⁴⁰ *Pietre dure* - Incrustação de pedras coloridas, às vezes semi-preciosas ou preciosas. O resultado pode ser plano ou em baixo-relevo.

⁴¹ Os nomes do rei, da rainha e dos deuses eram inscritos no centro de cartuchos, também chamados de cartelas. No tempo de Akhenaton o nome do deus Aton também passou a ser inscrito no interior dos mesmos. No trono cerimonial de Tutankhamon existem cartelas onde o nome do rei e da rainha ocorrem lado a lado com os elementos simbólicos de Aton e Amon. A decoração, também, remete à arte espontânea do tempo de Akhenaton, o que demonstra o retorno a fé antiga

O restante do trono é caracterizado por delicado entalhe e decoração em marchetaria⁴², dispostos com cuidadoso equilíbrio cromático. Nos braços da cadeira, a cártula com o nome do faraó é guardada por uma cobra com grandes asas abertas com incrustação de pasta vítrea. Sob o assento, em *pietre dure*, travessas e montantes verticais, com resquício de arabescos em ouro, reforçam a estrutura junto as pernas.

As pernas do trono têm a forma zoomórfica apoiada sobre fileira de cilindros e acabamento em bronze. O apoio para as mãos no encerramento dos braços tem a forma da cabeça de leão.

Entre outros tronos cerimoniais semelhantes encontrados na tumba de Tutankhamon, um deles consiste de um artifício interessante.

O assento e encosto são apoiados e amarrados sobre um banco, de madeira ébano, com estrutura em X. O modelo do banquinho, apesar de fixo, segue a forma vulgar já descrito anteriormente, em que as pernas se encerram em forma da cabeça e bico de ave.

A barra redonda frontal, junto ao piso entre os bicos, ainda exhibe painel com parte dos arabescos em madeira dourada, marfim e ouro. O grande assento côncavo, em madeira ébano, tem incrustações de marfim com formas irregulares imitando manchas de couro animal. O assento se une ao encosto por meio de esquadrias revestidas com folha de ouro.

Três montantes, paralelos verticais, fixos na base do assento sustentam o encosto inclinado, decorado no verso, com a figura de abutre⁴³ com as asas caídas.

O espaldar dianteiro, completamente revestido, recebe folhas de ouro marchetado, com inscrições e a estampa do abutre com as asas abertas. A presença de cartelas com o nome do deus Aton comprova que o trono foi executado no período inicial do governo de Tutankhamon.

Próximo ao trono com pés em X, foi encontrado um apoio para os pés, em madeira ébano, incrustado com motivo decorativo semelhante nas travessas laterais.

O banco⁴⁴ para apoio dos pés era essencial, principalmente nas cerimônias externas, tanto para o conforto, quanto para a ostentação.

Uma cadeira de criança se destaca, pela qualidade, construção e semelhança com outra de adulto. Em madeira ébano, a cadeira recebe incrustações de marfim e folha de ouro nos braços. O encosto inclinado recebe ornamentação de faixas verticais. As pernas zoomórficas são ligadas por delicados montantes, transversais e inclinados, unidos por virolas em marfim. Rebites de metal com cabeça dourada reforçam toda a estrutura da cadeira.

4.4 Mesas

Juntamente à tumba do arquiteto Kha, em Deir el-Medina, foram descobertos exemplos, raros, de mesas. A mesa de madeira⁴⁵ retangular, baixa, é similar a qualquer outra mesa de centro que julgamos moderna. Uma estrutura simples com quatro pés de forma quadrangular e reforçados por barras horizontais em juntas precisas. O tampo maciço, no menor sentido, apresenta nas laterais, uma faixa de escrita em hieróglifos, delimitadas por três linhas, coloridas. No sentido maior, o nome do falecido e o título encontra-se delimitado por uma linha.

O exemplar mais alto, e vale notar que a altura não ultrapassa quarenta e oito centímetros, é uma pequena mesa, retangular, com tampo cuja estrutura imita esteira de junco, cercada por uma moldura. As pernas cilíndricas são unidas e reforçadas, de maneira análoga ao reforço das cadeiras, com montantes verticais e inclinados. A estrutura das pernas e do tampo é separada por duas vigas no sentido maior ligadas por travessas.

4.5 Leitos

Quanto às camas, achados comprovam que, desde o Período Pré-dinástico, já existiam exemplares semelhantes aos períodos mais tardios do Egito Antigo. A estrutura, com pernas em forma de patas de touro dianteiras e traseiras, descoberta no sítio de Gebelein, no alto Egito, é datada como pertencente a Primeira Dinastia, por volta de 3100 a.C.

A formação precisa da estrutura da cama, curvada graciosamente, ilustra o alto grau de habilidades de carpintaria. [...]. As pernas são

de forma gradual no período do jovem Tutankhamon.

⁴² Marchetaria – Arte de embutir folhas de madeiras diferentes ou peças em superfícies maciças. A marchetaria é um mosaico de madeiras coloridas combinadas ou não com outros materiais preciosos como marfim, conchas, cobre, estanho, etc. segundo os limites do prévio desenho.

⁴³ Deusa protetora da realeza egípcia, em especial o nascimento as crianças reais.

⁴⁴ Medidas do banco para apoio dos pés – comprimento 70 x largura 32 x altura 7,7 cm.

⁴⁵ Medidas da mesa – comprimento 47 x largura 70 x altura 38 cm.

amarradas à calha lateral com cinta de couro que passa através de ranhuras para a barra transversal. O trilho lateral encontra-se esculpido com a flor de papiro estilizada. (KILLEN, 1994, p. 25-26, tradução nossa).

A cama de Hetepheres I, da Quarta Dinastia, apresenta duas grossas barras laterais folheadas a ouro, amarradas por cordões de ouro aos pés de madeira dourada em forma de patas de leão. As pernas da cabeceira são mais altas. O painel de madeira dourada é perfurado com símbolos florais e se encaixa na trave, através de espigas de madeira inseridas em perfurações de cobre. Junto ao leito, o baldaquino decorado com folhas de ouro marteladas e gravadas com hieróglifos, indica o título real.

Em meio ao numeroso artefato presente na tumba de Tutankhamon estavam diversos leitos fúnebres e camas.

A cama de madeira ébano tem pernas zoomórficas unidas por uma travessa. As patas de leão se apoiam sobre cilindros superpostos em prata.

Constata-se uma diferença fundamental em relação à forma de descanso, em que o ornamento principal da cama situa-se juntamente à peseira e não na cabeceira como é o costume ocidental.

O modelo de cama, com as peseiras altas e ornamentadas, se deve ao costume, no Egito Antigo, de se deitar sobre o encosto de cabeça, do lado oposto.

Os egípcios usavam apoios de cabeça como travesseiros, enquanto dormiam. Dos mais simples aos mais elaborados, de madeira, marfim ou faiança, o encosto tinha a função mágica, de manter o pescoço erguido, pois acreditavam que do contrário poderiam permanecer no mundo dos mortos.

A moldura da peseira integra longo texto inciso à volta toda e três painéis vazados e esculpidos com o deus Bes⁴⁶ rodeado por leões. As línguas protuberantes de Bes são de marfim e as coroas recebem fina folha de ouro. Dois pares de papiros, em ouro, se juntam invertidos separando os três painéis.

Sob o estrado duas ripas curvadas reforçam a estrutura da cama e apoiam o trançado de fibra natural (Figura 10).

⁴⁶ Deus, presente na mitologia egípcia, representado por uma espécie de anão, obeso, visto de frente com a língua de fora. Pode ser considerado o “bobo da corte”. Um ser que proporciona alegria.

Figura 10 – Cama do deus Bes. Cama de madeira ébano com pés zoomórficos e detalhe da peseira



Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015 10:15. 3944x909 pixels. 300 dpi. 24 bits. 391 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

A cama dourada, em hipótese, a cama do faraó, apresenta as mesmas características formais.

O painel juntamente à peseira em folha de ouro recebe estuque⁴⁷ modelado com as figuras de Bes e Thueris⁴⁸, rodeados por plantas de papiros e lótus, e unidos por dois pares de papiros com delicadas hastes.

A armação da cama articulada é formada por barras de madeira divididas em três partes e unidas por dobradiças de cobre. O eixo e a flexibilidade da fibra vegetal, firmemente entrelaçada, que compõe o estrado, permite a sobreposição das partes. Um dos pares de pernas se dobra para o interior por meio das dobradiças.

A peseira é emoldurada por uma série de montantes verticais, divididos em três painéis por dois pares de papiros, que se juntam invertidos no centro. Um detalhe delicado e decorativo presente em quase todas as camas encontradas nas tumbas egípcias (Figura 11).

Figura 11 – Cama articulada



Fonte: THE GRIFFITH INSTITUTE

Modificada em 27/08/2015. 4010x1240 pixels. 300 dpi. 24 bits. 438 KB. MARTINI, Fátima R. Sans.

5 Mobiliário Preservado

Os exemplos apresentados do mobiliário egípcio foram encontrados, em sua maioria, nas tumbas de Tutankha-

⁴⁷ Estuque - Espécie de argamassa feita geralmente com água, cal fina, gesso e areia. Os egípcios utilizavam como massa de modelagem.

⁴⁸ Taueret ou Taweret. Deusa da fertilidade. Esposa de Bes. Ambos assustavam os demônios por causa da feiura.

mon e do arquiteto Kha, ambos do Novo Império. Muito pouco, ou nada restou de mobiliário dos períodos posteriores.

Durante o terceiro período intermediário, a capital administrativa do Egito mudou-se para Tanis, no Delta, onde se localizavam as tumbas reais da XXI e XXII Dinastias. Os pequenos túmulos foram descobertos praticamente intactos por Pierre Montet, em 1939. As tumbas não continham móveis e as cenas de parede são principalmente funerárias. Elas não mostram as atividades cotidianas que são vistas nas tumbas anteriores. (KILLEN, 1994, p. 54, tradução nossa).

No entanto, juntamente à necrópole de Tuna el-Gebel⁴⁹ foi encontrado o túmulo de Petosiris, construído em torno de 332 a.C. na época da conquista do Egito por Alexandre, o Grande. As cenas, em relevos bem preservados, representam o mobiliário similar às dinastias anteriores. Em uma das cenas um par de carpinteiros é representado trabalhando com um torno⁵⁰ primitivo.

Um dos homens gira o elemento central com uma corda, enquanto o outro raspa a madeira.

Sabe-se que, por todo período romano, o mobiliário egípcio foi, amplamente, procurado por seu alto grau de qualidade e requinte, representados por móveis com pernas torneadas e superfícies incrustadas com marfim e osso, em cenas de animais, frutas e flores.

A marcenaria e carpintaria desenvolvida na Antiguidade, praticada ininterruptamente por milhares de anos, demonstra que, por meio dos mestres e aprendizes, dos *designers* e artistas, as antigas habilidades e técnicas podem ser preservadas e apreciadas.

6 Considerações Finais

O âmbito da História da Arte e da História do mobiliário e *design*, é atrativo e surpreendente! Espero que o leitor tenha descoberto e se encantado com esse universo, ou melhor com o recorte aqui apresentado. Por meio dessa viagem ao mobiliário do Egito Antigo, artistas, artesãos, professores da área, *designers* e arquitetos de interiores, possam adquirir, seguramente, novos conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, resultando em experiência e cultura na prática diária.

⁴⁹ Tuna el-Gebel - Expedições trabalham na necrópole a partir das datas: 1903-4; 1912; 1920 e 1930.

⁵⁰ Torno – Máquina dotada de um cilindro que se faz girar a volta de um centro. Trata-se da combinação de dois movimentos. Rotação da peça e movimento do avanço da ferramenta, que dá forma e lixa o objeto.

Julgo importante chamar atenção dos jovens olhares quando o assunto se relaciona à Arte de modo geral, que muito, muito pouco, é uma criação original, e sim, que o objeto se transforma, segundo a época e a sociedade que dele se apropria. O mobiliário atual, em termos artísticos, formal e de conforto, muito pouco difere do mobiliário executado há milhares de anos, em que as necessidades básicas de descansar, sentar e apoiar são atendidas. Somente por meio da História da Arte, é possível acompanhar os diferentes estilos, reconhecer as mudanças e necessidades ao longo do tempo, para sugerir novos caminhos e avançar, com competência, nas práticas humanas do saber e fazer.

Este estudo está assentado em pesquisas continuadas, por extenso tempo. Conquistei experiência e ampliei conhecimento com excelentes mestres e profissionais. Agradeço a todos que participaram e que me deram valiosas contribuições ao longo do processo de aprendizado. Agradeço aos jovens olhares curiosos.

Referências

APOLINÁRIO, Fabio. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Pioneira Topmson Learning, 2006.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História antiga e medieval*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BROOKLYN MUSEUM. *Home*. Available in: <<http://www.brooklynmuseum.org>>. Access: 15 oct. 2014.

BRUNT, Andrew. *Guia dos estilos de mobiliário*. 2. ed. Lisboa: Habitat, 1990.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica*. Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado, Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1977.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. Tradução de Robert E Lerner, Standish Meacham. 44. ed. São Paulo: Globo, 2005.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 27. ed. Porto Alegre: Globo, 1986.

C. BARTOLOMÉ, Calatayud et al. *Glosario de carpintería ebanistería para Escuelas Taller*. Valencia: Servef-Paterna, 2006.

CALADO, Margarida; SILVA, Jorge Henrique Pais da. *Dicionário de termos da arte e arquitetura*. Lisboa: Presença, 2005.

CASSON, Lionel. *O antigo Egipto*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

CERAM, C.W. *Deuses, túmulos e sábios*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

FONDAZIONE MUSEO DELLE ANTICITÀ EGIZIE DI TORINO. *Collezione*. Disponibili in: <<http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=102511&viewType=detailView>>. Acesso: 21 ott. 2014.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da antiguidade oriental*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GLERUM, Jan Pieter. *Meubelen*. Den Haag: Tirion-Barn, 1995.

GOMBRICH, E. H. *História da arte*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: M. Fontes, 2003.

JAMES, Henry. *Tutancâmon*. Tradução de Francisco Manhães. Barcelona: Folio, 2005.

JANSON, H. W. *História da arte*. Tradução J. A. F. de Almeida. São Paulo: M. Fontes, 1992.

KILLEN, Geoffrey. *Ancient Egyptian furniture*. Warminster Wiltshire: Aris & Phillips, 1994.

KILLEN, Geoffrey. *Egyptian woodworking and furniture*. UK: Shire Publications, 1994. Available in: <http://woodtools.nov.ru/books/egypt_wood/egypt_wood.pdf>. Access: 09 aug. 2015.

KING, Constance. *Illustrierte Geschichte Der Möbel: sofas*. Köln: Könemann, 1996.

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM. Viena. In: <<http://www.khm.at/en/visit/collections>>. Prozess in: 01 okt. 2014.

MUSÉE DU LOUVRE. *Site officiel du Musée du Louvre*. Disponible en: <<http://www.louvre.fr>>. Accès: 01 oct. 2014.

MUSEUM OF FINE ARTS BOSTON. *Armchair of Queen Hetepheres I (reproduction)*. Available in: <<http://www.mfa.org/collections/object/armchair-of-queen-hetepheres-i-reproduction-148172>>. Access: 08 oct. 2014.

OATES, Phyllis Bennett. *História do mobiliário ocidental*. Lisboa: Presença, 1991.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SOPRINTENDENZA PER I BENI ARCHEOLOGICI DELLA TOSCANA. *Firenze, Museo Egizio*. Disponibili in: <<http://www.archeotoscana.beniculturali.it/index.php?it/148/firenze-museo-egizio>>. Acesso: 08 ag. 2015.

STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN. *Home*. In: <<http://www.smb.museum/smb/home/index.php>>. Prozess in: 01 sept. 2014.

THE BRITISH MUSEUM. *Welcome to the British Museum*. Available in: <<http://www.britishmuseum.org>>. Access: 11 oct. 2014.

THE GRAND EGYPTIAN MUSEUM. *[Home]*. Available in: <<http://www.gem.gov.eg>>. Access: 11 oct. 2014.

THE GRIFFITH INSTITUTE. *Carter archives*. Available in: <<http://www.griffith.ox.ac.uk/gri/carter/046qq-p0019.html>>. Access: 08 sept. 2014.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. *Home*. Available in: <<http://www.metmuseum.org>>. Access: 11 oct. 2014.

TIRADRITTI, Francesco. *Tesouros do Egipto*. Barueri: Manole, 2001.